

PEQUENAS
PINTURAS

POUCAS PALAVRAS

MUITAS
LEITURAS



Tradução da Obra
"Billedbog uden Billeder"
de Hans Christian Andersen

Por Ana Maria Martins da Costa Santos Langkilde e
Niels Jørgen Martins da Costa Santos Langkilde



Quem é Hans Christian Andersen?

“Minha vida é um lindo conto de fadas, rica e maravilhosamente feliz.”
O escritor dinamarquês Hans Christian Andersen nasceu no dia 2 de abril de 1805 em Odense na Dinamarca. Como o próprio Andersen afirmava, sua vida era um conto de fadas e muitos dos acontecimentos que vivenciou marcaram sua vida e sua obra. Aos contos de fadas, histórias, romances, peças para o teatro, poesias e relatos de viagem dedicou sua vida.

Sobre o Instituto

O Instituto Hans Christian Andersen foi fundado por vários motivos. Incentivar a pesquisa, a divulgação e a socialização de informações sobre a vida e a rica obra de Hans Christian Andersen. Não menos importante é o foco do Instituto em abrir suas portas para receber pesquisadores e interessados em aprofundar seus estudos sobre Andersen. Todo o trabalho realizado no e pelo Instituto visa a publicação de obras relevantes sobre o autor dinamarquês. Atualmente estamos trabalhando em novas traduções do dinamarquês para o português. Por fim, proporcionar consultoria para empresas, organizações e pessoas físicas no que tange a essa temática.



Dedicatória

“ Aos que já são leitores de Andersen e àqueles que ainda serão. ”

Introdução

Caros leitores, foi um prazer muito grande compartilhar essa obra com vocês. Muito embora esse livro tenha sido muito bem recebido pela crítica, H. C. Andersen nunca mais se aventurou em novos experimentos desse mesmo tipo. Escreveu ainda muito. Particularmente, considero esse livro uma de suas obras primas. A primeira edição veio em 1839 (em 1840 na capa aparece o título) com apenas 20 noites, a 2ª edição em 1845 era composta por 31 noites e a terceira e última edição em 1854, como parte do Volume 7 da coletânea de sua obra, inclui mais duas noites totalizando as 33 noites. Algumas noites haviam sido publicadas em almanaques e revistas antes de serem impressas nos livros mencionados.

Prefácio

Provavelmente a maioria dos leitores tem uma imagem altamente simplificada - e, portanto, enganosa - do poeta H.C. Andersen (1805-75). Isto porque atribui-se a ele o título de escritor para crianças, particularmente quando se pensa em "A Pequena Sereia", "As Novas Roupas do Imperador", "O Rouxinol", "O Patinho Feio" ou "A Pequena Vendedora de Fósforos". Quando ele começou a escrever, as primeiras edições de seus livros tinham por título "Contados para crianças" (1835-42) o que mais tarde chamou de contos de fadas ou histórias não era principalmente para crianças, mas destinava-se a leitores adultos. Além disso, os contos faziam parte de sua vasta obra uma vez que escreveu romances, livros de viagens, muitas peças para o teatro, um número muito grande de poemas, vários dos quais são recitados e cantados até hoje em sua terra natal, onde para algumas pessoas, eles são tão conhecidos como o mais famoso de seus contos. Dois de seus poemas são encontrados no atual livro de hinos dinamarquês, um hino de Natal e um hino sobre o medo da morte. Em outras palavras, H.C. Andersen foi um poeta e escritor que também escreveu histórias (mais ou menos) para crianças.

Mas, como narrador de contos de fadas, escrevia também textos engraçados, satíricos e sinceros, às vezes trágicos, que pareciam atrair o público infantil, mas ele tinha em mente o público adulto. E ele é - independentemente do que afirmam sobre ele, sobre ser um escritor para adultos ou crianças, ou ambos juntos - um escritor literário, muito consciente e ambicioso. Ele trabalhou intensamente na linguagem, nos sons, nas frases e no ritmo. Alguns textos quase foram publicados tal como o manuscrito, outros tiveram que passar por várias reformulações ou edições antes que ele estivesse satisfeito.

Uma das características de sua prosa é a grande variedade. Sua linguagem se abre sem esforço para um sujeito pictórico. Muitas vezes, suas histórias não chegam nem perto de narrativas tradicionais, mas de quadros, situações, talvez pequenas incursões de aparência dramática. Eles podem abordar o lírico, ou às vezes podem abordar pequenos sons, música, linguística etc. Portanto sua obra pode ser vinculada a imagens e situações tal como arabescos, em vez de contar uma história que seja direta para referenciar o curso da ação ou da narrativa de A a Z.

Esse estilo foi inaugurado em 1829 ao lançar um livro que conta uma história que se passa entre o final da noite do ano de 1828 e os primeiros minutos do primeiro dia do ano de 1829, quando tudo pode acontecer. Quando imaginação, associações literárias e um pouco de realidade se misturam em um todo variado. Um estilo retomado por ele em 1838 com uma história em várias histórias (ou fotos): "As Galochas da Felicidade".

E então, em 1839, ele nos entrega essa joia: "Livro de gravuras sem gravuras". O título pode ter sido inspirado nas peças de piano do compositor Felix Mendelssohn Bartholdys klavertykker, Lieder ohne Worte, das quais as 6 primeiras, das 19 histórias, foram publicadas na Inglaterra em 1832 e na Alemanha em 1833. Andersen foi muito inspirado pela música e pela arte visual, portanto, o paralelo não é improvável.

Em uma carta a sua amiga, de Odense, Henriette Hanck, o próprio Andersen (em outubro de 1839) fala sobre o livro:

**“Sim, esse livro ilustrado aparecerá para
as pessoas como um arabesco
excessivamente enfeitado, mas, por outro
lado, para os poetas parecerá ser uma
coleção de poemas em prosa.”**

E é exatamente isso que o livro é: um arabesco variado e uma coleção de poemas em prosa. Humor, quadros, poesia em uma ordem solta e variada. Nem contos de fadas nem histórias, mas instantâneos sombrios e alegres, doces e amargos entre si. Apresentado pela lua, que conta ao jovem pintor sobre o que ela viu em sua jornada ao redor do mundo. Também o que não viu, porque às vezes uma nuvem encobre a lua. Uma nuvem discreta - ou um véu que deixa a vida ou a morte como perguntas sem resposta.

Quadros sem quadros criam a linguagem sozinha na imaginação do jovem pintor ou na consciência do leitor. Portanto, precisamente o livro ilustrado é uma expressão concentrada do que Andersen poderia e faria como artista: "Quero ser um pintor com a caneta", escreveu ele em uma

carta. Ou, como diz em seu primeiro livro de viagem poético - Imagens sombrias de uma viagem a Harz e à Suíça Saxônica, em 1831 - "o poeta não cede ao pintor!" Ou seja, o poeta sabe a mesma coisa que o pintor. Ele pode criar imagens no idioma.

A edição original de 1839 foi lançada com vinte "noites". Mais tarde, o livro incorporou mais 13 histórias completando as 33.

Faz parte do livro uma história que Andersen, no último momento resolveu tirar. Ela deveria ter sido a primeira noite. Tratava da imagem sombria de um príncipe que, no leito de morte, rememora todas as más ações praticadas por ele ao longo de sua vida. O livro foi entregue à impressora e estava previsto para o Natal. Mas aconteceu que o monarca, o rei Frederico VI, morreu em 3 de dezembro, assim Andersen ficou com medo de que o público percebesse a coincidência de fatos entre o rei moribundo da história e o rei que acabara de falecer. Dessa maneira, a segunda noite passou a ser a primeira. Andersen nunca alterou a sequência das noites, de modo que a imagem do príncipe moribundo permaneceu intocada até o século XX, quando foi descoberta em um novo manuscrito.

Todos puderam reconhecer a imagem criada pelo escritor! Pois Andersen o usara em 1843, no final do conto de fadas "O Rouxinol", no qual o Imperador da China jaz e deve morrer atormentado pelo pensamento de suas más ações. Porém, nesse conto, o rouxinol retorna e, com seu canto, dissipa a angústia da morte. A arte vence a morte e recria a vida! E essa é uma história bem diferente da imagem autocensurada de 1839.

Nesta edição, esta imagem esquecida do príncipe no leito de morte é reimpressa. Ele lança luz sobre Andersen e sua arte - e lança uma sombra sobre as imagens da vida da lua aqui na terra.



Johan de Mylius

Professor emérito, Dr.Phil.

Odense, Dinamarca.

Índice

Era uma vez a primeira noite	13
Primeira Noite	14
Segunda Noite	16
Terceira Noite	18
Quarta Noite	20
Quinta Noite.....	22
Sexta Noite.....	24
Sétima Noite.....	26
Oitava Noite.....	29
Nona Noite	31
Décima Noite.....	33
Décima Primeira Noite	35
Décima Segunda Noite	36
Décima Terceira Noite	38
Décima Quarta Noite.....	41
Décima Quinta Noite.....	43
Décima Sexta Noite	45
Décima Sétima Noite	47

Décima Oitava Noite.....	48
Décima Nona Noite.....	50
Vigésima Noite	52
Vigésima Primeira Noite	54
Vigésima Segunda Noite	56
Vigésima Terceira Noite	58
Vigésima Quarta Noite	60
Vigésima Quinta Noite.....	63
Vigésima Sexta Noite.....	65
Vigésima Sétima Noite.....	66
Vigésima Oitava Noite.....	68
Vigésima Nona Noite	70
Trigésima Noite	72
Trigésima Primeira Noite	73
Trigésima Segunda Noite	75
Trigésima Terceira Noite	77
Agradecimentos.....	80



Era uma vez a primeira noite...

Longe daqui”, disse a lua, “há um castelo, grande e magnífico, com quadros de mármore na parede e tapetes ricos nas amplas escadas e corredores, com ricos tesouros de arte. Havia uma agitação intensa nesse lugar. Procurei pela causa e descobri que o rei estava em uma cama, em um quarto de dormir. Enquanto dormia, disseram, o sono o fortalecerá e melhorará, mas ele não dormia, vi o que os outros não podiam ver; no meio da cama esplêndida, no peito do rei pálido, a própria morte se afigurava, todos a seu redor o olhavam fixamente e aguardavam o desenrolar dos acontecimentos. Médicos, ministros, pessoas da família todos estavam ali. Enquanto isso o rei moribundo deixava passar por sua mente, como a um filme, tudo que havia feito em sua vida, principalmente coisas ruins, das quais ele se arrependera, mas não havia tempo para eliminar o mal. Havia tanto silêncio na sala que nenhuma palavra foi dita. Gotas de sangue e suor escorriam da testa do rei! “Eu escorreguei pelas montanhas! – disse a lua – “Eu desenhei a imagem, um poeta se sairá melhor e o pintor poderá dar cores, cores ardentes que vão até fundo da alma, provocando a mesma sensação dos contos de fadas, disse a Morte ao Rei. ”



A primeira noite

Ontem à noite, são as palavras da lua, eu deslizei pelo ar limpo do céu, eu refleti no Ganges meus raios procurando nas profundezas das águas. Veio de Tykningen uma garota hindu, agiu como a gazela, bela como Eva. Algo havia de leve, claro e fresco nessa filha da Índia. Eu podia ver seu pensamento através de sua pele fina. Os espinhos da trilha rasgavam suas sandálias, fazendo-as em pedaços, mas ela continuava rápida, em frente, como se estivesse com tempo marcado para chegar a algum lugar ou fazer alguma coisa. Os animais que vinham do rio, onde tinham aplacado sua sede, fugiram porque a moça trazia na mão uma lâmpada acesa. Eu podia ver o sangue fresco correndo em seus dedos ao se inclinar para aumentar a chama da lamparina. Ela se aproximou do rio, colocou a lamparina na água começando a descer rio abaixo. Por momentos fez menção de apagar, mas continuou a brilhar. Os olhos negros da garota não paravam de seguir a luz da lamparina. Ela sabia que a lâmpada acesa era sinal de que seu amado estava vivo, se ela se

apagasse era sinal de que havia morrido. Felizmente a chama continuava a queimar, seu coração queimou e tremeu, ela se ajoelhou e rezou para que ele estivesse vivo. A seu lado, uma cobra movia-se sorradeira pela grama molhada, mas ela só pensava em Brama e em seu noivo. "Ele vive!" ela exclamou, e das montanhas um eco respondeu: "Ele vive!"

**“Ela sabia que a lâmpada acesa era sinal
de que seu amado estava vivo...”**



A segunda noite

“**F**oi ontem”, a lua me disse, “então eu olhei para uma pequena fazenda, e lá estava uma galinha cercada por seus pintinhos. Uma adorável garotinha correu ao redor deles. A galinha abriu suas asas e protegeu seus filhotes da garotinha. Então o pai chegou e a repreendeu por ter assustado os pintinhos. Eu continuei minha jornada sem pensar mais nessa cena. Mas nessa noite há alguns minutos atrás, eu vi novamente a mesma fazenda. Tudo estava muito quieto, no mais absoluto silêncio. Mas a garotinha estava acordada, em sua cama. Lembrando-se do que aconteceu, deslizou suavemente e silenciosamente para fora da cama e foi para o galinheiro. Assim que ela entrou os frangos, as galinhas começaram a cacarejar e fizeram o maior barulho. Eles gritaram alto e se agitaram. A pequena corria atrás deles e, quanto mais ela corria, mais eles gritavam. Tudo isso eu vi através de um buraco no muro. Eu fiquei muito zangada com a criança e pensei: “que criança má!” Com todo aquele barulho o pai acordou e foi ver o que estava acontecendo. Quando viu a

cena, zangou-se com a criança. Tomou pelo braço e perguntou: "O que você está fazendo aqui?" "Olha o transtorno que você está causando! As aves estão assustadas!" A garotinha estava de cabeça baixa, mas quando ergueu a cabeça, seus lindo olhos azuis estavam cheios de lágrimas e ela disse: "eu só queria beijar a galinha e pedir desculpas pelo que fiz, mas eu não queria contar para você". Comovido o pai beija a garotinha.

**“...eu só queria beijar a galinha e pedir,
desculpas pelo que fiz...”**



A terceira noite

Numa estreita rua perto daqui, tão estreita que eu só posso deixar meus raios deslizarem pela parede das casas, eu vejo o suficiente para conhecer o mundo que se move ao redor desse lugar. Eu vejo e me lembro... há dezesseis anos, ela era uma criança, ela brincava com uma bola no jardim da casa paroquial. Os jacarandás que lá estavam, eram muito antigos. Eles duram anos e florescem e lutam para se manterem majestosos entre as árvores. Havia também macieiras.

Os galhos das árvores disputavam bravamente no corredor um lugar para se manterem em pé e receberem a luz do sol. As rosas estavam esparramadas aqui e acolá. Elas não eram bonitas como a rainha das flores deveria ser. Mas as cores estavam lá, os cheiros estavam lá. A filhinha do pastor encontrou uma rosa muito mais bonita. Ela se sentou em seu banquinho junto à cerca viva e beijou a boneca de papelão, feita por um artista. Dez anos depois, eu a vi novamente. Eu a vi no magnífico salão de baile, ela era a linda noiva de um rico comerciante.

Fiquei feliz com a felicidade dela. Então em minhas visitas a essa cidade procurei-a pelas noites tranquilas. Oh, ninguém pensa no meu olhar claro, no meu olhar seguro, na minha rosa que, naquele momento também brilhava como os meus raios. A vida também tem suas tragédias, esta noite eu vi o último ato. Na rua estreita, mortalmente doente, ela se deitava na cama. Nesse momento seu marido entra puxa o cobertor que a protegia do frio e disse: "Levante-se!"; "Estou com pressa, você precisa estar pronta para ficar à janela de frente para a rua!" Ela somente pode dizer: "A morte está no meu peito!" "Oh, deixe-me descansar!"

Mas ele a tirou da cama, pintou suas bochechas, colocou uma rosa em seus cabelos e sentou perto da janela. Deixou uma luz acesa por perto e foi-se. Eu somente podia acompanhar toda aquela cena. Ela sentiu-se oprimida, sem força. Sua mão caiu ao lado, uma das abas da janela abriu com o vento, mas ela ficou parada, a cortina ondulou como uma chama sobre ela, ela estava morta. Da janela aberta podia-se aprender uma lição sobre a minha rosa do jardim da casa paroquial.

“A vida também tem suas tragédias,

esta noite eu vi o último ato.”



A quarta noite

Essa noite eu passei por um vilarejo, onde um palco estava montado para encenar uma peça alemã. O vilarejo era muito pobre e não havia um teatro. Assim, o palco foi montado dentro de um estábulo, adaptado para a ocasião. Apesar disso, todo o cuidado foi tomado para fazer do ambiente algo agradável. As paredes foram revestidas com papel de seda e pequenos camarotes foram montados. Um pequeno candelabro de ferro pendia do teto, sob um barril invertido. O candelabro seria fixado ali logo após a sineta que avisa sobre o início do espetáculo ter soado 3 vezes, como acontece nos grandes teatros. O importante era deixar sobre a plateias um pequeno foco de luz.

Ouve-se o som da sineta: dlin, dlin, dlin, no mesmo instante o candelabro foi erguido, protegido pelo barril, causando o efeito esperado, um foco tenue iluminava a platéia. A peça ia começar.

Muito eram os espectadores, entre eles um rico fazendeiro e sua jovem esposa. Eles estavam de passagem. Havia porém um espaço vazio à volta

do candelabro. Escorria dele um sebo e gotejava sem parar: plin, plin, plin! Eu a tudo presenciava porque as aberturas no teto foram todas escancaradas devido ao calor muito forte. Eu, a tudo apreciava, de camarote. Do lado de fora outra plateia se acotovelava, se empurrava para ver o que acontecia lá dentro. Eram criados e criadas. Mas um guarda tentava dificultar a curiosidade daquelas pessoas ameaçando-as com um pedaço de pau.

Bem perto da orquestra, o casal de proprietários estava sentado em duas cadeiras com braços, velhas. Esses lugares eram reservados ao prefeito e sua esposa durante o culto dominical. Porém, naquele dia, tudo foi diferente e eles tiveram que procurar outros assentos, perto dos cidadãos comuns, sobre pranchas de madeira colocadas no chão. Dessa forma, a mulher do prefeito aprendeu uma lição sobre distinção de classe social. Para o público aquela situação constrangedora, veio acrescentar mais brilho ao espetáculo.

De repente, o facho de luz que vinha do candelabro parou de mover, o público batia com os dedos nas cadeiras. Eu, a lua, lá de cima, pude então assistir ao espetáculo por completo.

**“ Um espetáculo para todos,
sem distinção de classe social! ”**



A quinta noite

Ontem: disse a lua, estava passando por Paris, a cidade onde muitas coisas acontecem. Meu olhar deslizou para um dos corredores do Louvre. Avistei então, uma velha senhora, vestida muito pobremente, certamente pertencia à classe operária. Ela seguia um funcionário. A velha senhora havia pedido a ele que a levasse à imponente sala do trono. Ela tinha um enorme desejo de a conhecer. Tudo havia sido difícil para ela, primeiro chegar até ali, depois convencer ao funcionário de que ele precisaria levá-la até lá. Ao chegarmos no local seu olhar e sua atitude eram de total reverência ao lugar, era como se estivesse dentro de uma igreja.

– Foi então, aqui! Exclamou! Aqui!

Ao mesmo tempo foi se aproximando do trono. Dele pendia uma bela peça de veludo, debruada com um cordão de ouro.

Novamente ela exclamou: Foi aqui! Foi aqui!

Ajoelhou-se, beijou o pano cor púrpura. Daqui de cima tive a impressão de que chorava.

- Essa manta de veludo não é a original, disse o guia!
- Sim, mas esse é o lugar e o pano deveria ser idêntico a esse aqui!
- De alguma forma o lugar lembra esse aqui, mas certamente não completamente, disse o guia. Havia uma confusão e uma destruição geral: janelas arrombadas, as portas tinham sido separadas de suas dobradiças, e, o pior, muito sangue derramado pelo chão.

Não importam as diferenças, prevalece o fato: - Meu neto morreu sobre o trono da França! Morreu! – Depois disso a velha senhora não disse mais nada. Ambos foram embora: o guia e a velha senhora. A pouca luz do crepúsculo foi diminuindo e a minha luz foi aumentando e direcionada para o rico pano de veludo que estava sobre o trono do imperador deposto.

Estão curiosos para saber quem era aquela mulher? Pois bem: escutem a história que tenho para contar:

Estávamos no tempo da Revolução Francesa de Julho, uma noite de vitória para o povo. O palácio havia se transformado em uma fortaleza. Tudo tinha sido fortificado. O povo tomou as Tulherias. Mulheres e crianças combatiam junto com homens. Em multidão invadiram o palácio. No meio dela, um juvenzinho pobre, vestindo uma camisa velha, combatia também. Sem experiência de combate foi mortalmente ferido por golpes de baioneta. Foi ao chão quase sem vida.

Toda essa cena aconteceu na sala do trono. Vendo a situação do jovem, carregaram-no, puseram-no no trono e o cobriram com aquela capa de veludo. Seu sangue ensopou o manto púrpura imperial.

Que imagem! Um salão suntuoso servindo de cenário para uma luta sem fim. A bandeira imperial foi jogada ao chão, ao mesmo tempo que o pendão tricolor tremulava na ponta das baionetas. No trono, o rapaz quase morto. Embora pálido, sua expressão era de vitória. Estava prestes a morrer, seus olhos fixavam o céu, seu corpo se contorcia, seu peito ferido, sua roupa velha e esfarrapada era escondida pelo rico pano de veludo enfeitado com lírios de prata.

Ao nascer, uma vidente profetizou: Um dia ele morrerá no trono da França. A mãe, ao escutar o vaticínio pensou logo que ele seria um segundo Napoleão... O clarão da lua que tantas vezes iluminara as lápides dos imortais, nessa noite beijou a testa da velha senhora, que sonhou um dia ser rainha-mãe, pois seu neto, seria o rei da França! Pobre rapaz, apenas morreu sentado no Trono Imperial da França.



A sexta noite

Ontem foi a vez de visitar Uppsala, disse a lua. Aqui de cima avistei a grande planície recoberta pela relva e as colinas recobertas de campinas estéreis. Meu perfil estava refletido no rio Tyrus, no exato momento em que as ondas provocadas pelo barco que passava afugentavam os peixes. Abaixo de mim as ondas erguiam e criavam sombras cobrindo os túmulos de Odin, Tor e Freie, 3 deuses nórdicos. A relva que encobre a colina havia sido recortada por nomes de pessoas que visitaram o lugar. No lugar não havia monumentos, obeliscos, muralhas rochosas ou quaisquer outros marcos nos quais os visitantes pudessem deixar suas marcas. Eles precisavam se contentar em raspar a grama e deixar seus nomes gravados dessa forma. O fato é que as colinas transformaram-se em um enorme conjunto de letras composto por nomes. Interessante que a imortalidade tem a mesma duração do crescimento da relva.

No topo da colina estava um homem, um poeta, melhor dizendo. Depois de esvaziar seu vaso com borda prateada, ele balbuciou um nome de mulher,

mas pediu ao vento que não o revelasse a ninguém. Sua súplica de nada adiantou. Eu pude ouvir o nome que ele pronunciou. Eu conhecia muito bem essa pessoa. Era uma dama da nobreza. Sobre sua cabeça pousava um diadema de ouro, por essa razão o poeta não queria ver seu nome revelado aos quatro ventos.

Sorri porque lembrei-me que os nomes dos poetas também são adornados por um diadema: a coroa da fama. A nobre Eleonora estará sempre associada ao nome do poeta Tasso. Assim como ele, também eu sei onde floresce a Rosa da Beleza!

Ao acabar de dizer essas palavras, uma nuvem se colocou entre mim e ela. Que nenhuma nuvem, em momento algum possa se colocar entre o poeta e a rosa!

**“Que nenhuma nuvem, em momento algum
possa se colocar entre o poeta e a rosa!”**



A sétima noite

“**A**o longo da praia se estende uma floresta com carvalhos e uma outra árvore muito comum na Europa, a faia. A madeira dessas árvores tem um perfume refrescante. Durante a primavera os rouxinóis se cercam delas para entoarem seus cantos maravilhosos. Entre a floresta e o mar, esse último em constante mudança, uma rodovia foi construída. O cenário agora é outro, carruagens vão e vem num movimento frenético. Contudo, não estava interessada em carruagens. Meu olhar voltou-se para o declive das colinas popularmente conhecidas como “túmulos de bárbaros”. Ali amoras e outras frutas silvestres cresciam entre pedras. Natureza e poesia se mesclam, tornam-se essência uma da outra. Teriam os homens uma atitude mais contemplativa diante de tal fato? Pois bem, vou contar o que ouvi lá durante toda noite. Primeiro apareceram dois agricultores ricos. “Que beleza de árvores! Disse um deles. “Imagine quanta lenha elas poderão produzir!” Disse o outro. “O inverno vai ser muito forte! No

ano passado o inverno foi também bastante rigoroso e nós ganhamos R\$ 1.500,00 por carga de lenha!" Um pouco mais tarde, dois outros homens passaram por ali. Um deles disse: "Como a estrada está ruim nesse ponto!" "São as malditas árvores!", respondeu seu companheiro. Elas formam um paredão impedindo que os ventos da terra cheguem até aqui. Um pouco depois uma carruagem barulhenta passou pelo mesmo caminho. Porém nenhum dos passageiros pode apreciar a beleza do lugar porque estavam todos dormindo. O cocheiro pegou sua corneta, assoprou forte e olhou para o céu. Como percebo tudo, pude ler o que ia em seus pensamentos; "como sei tocar bem! Os passageiros devem estar apreciando minha música" Em alguns minutos não se via mais a carruagem. Dois rapazes a cavalo aproximaram-se. O brilho no olhar deles fez-me ter esperança de que eles apreciariam a beleza da natureza e poderiam perceber a poesia que fazia parte do cenário. Que decepção! Logo um deles falou: "Bem que eu gostaria de passear por aqui com a filha do moleiro. A brisa do mar espalhava o perfume das flores. Mar e céu misturavam-se como se um fosse a continuidade do outro. Aproximou-se uma pequena carruagem com seis passageiros: quatro dormiam, um pensava no paletó que havia comprado, o último perguntou ao cocheiro: "há algo nesse lugar belo o bastante para ser contemplado? - referia-se particularmente as pedras empilhadas." A que o cocheiro respondeu que não, mas as árvores: ah! essas sim! "Por que?" perguntou o passageiro. Porque no inverno, quando a camada de neve esconde a estrada e não conseguimos saber onde termina a estrada e começa o mar, elas nos dão a direção. "Elas são ou não dignas de atenção?" Perguntou o cocheiro.

Em seguida chega um pintor. Nada disse! Seus olhos brilhavam e ele começou a assoviar. Naquele momento, um rouxinol começou a cantar mais alto do que costumava. "Cante mais baixo!" Ao mesmo tempo, o pintor começou a organizar suas tintas para reproduzir todas as tonalidades, matizes e nuances de cores que via, especialmente azul, roxo e marrom escuro. "Pintarei um quadro belíssimo!" Pouco a pouco as cores davam forma ao quadro da paisagem que estava a sua frente, muito fielmente. Enquanto pintava, assoviava uma bela área de Rossini.

A última a chegar no local foi uma menina pobre. Ela trazia uma trouxa e a colocou no chão. Seu belo e pálido rosto revelava seu encantamento

com aquele cenário. Procurava ouvir os sons vindos da floresta, do mar e do canto dos rouxinóis. Seus olhos brilhavam. De repente, ela começou a dirigir seu olhar ora para o mar, ora para o céu. Vi quando ela juntou as mãos em atitude de oração. Supus que ela rezava o Pai Nosso. Seus sentimentos eram confusos. Ela não conseguia perceber claramente o ambiente a sua volta, contudo essas imagens jamais saíam de suas lembranças por muitos anos. Talvez as cores percebidas por ela fossem mais fortes e mais vivas do que as registradas pelo pintor. Meus raios pousaram sobre ela e os mantive assim, até que o sol da manhã veio beijar-lhe a face.

**“Natureza e poesia se mesclam,
tornam-se essência uma da outra!”**



A oitava noite

O céu estava carregado de nuvens, a lua não aparecia. Eu estava em pé no meu pequeno quarto e olhava para o lugar de onde ela deveria surgir. Meu pensamento voou longe e pensei na minha grande amiga que tão lindamente contou-me histórias todas as noites. Sim, o que ela não experimentou! Ela deslizou sobre as águas do dilúvio e avistou a arca de Noé, da mesma forma que hoje olha para o mundo e descreve em detalhes um novo mundo em florescimento, desabrochando, diante de um velho mundo que desaparece. Quando o povo de Israel chorava pelos rios da Babilônia, ela observou, com tristeza, aqueles necessitados, a natureza ao redor deles, os salgueiros e o silêncio de suas harpas. Quando Romeu foi em busca de Julieta o amor pairava no ar fazendo cor as suas promessas de amor, querubins, serafins e pardais entoavam hinos de amor e a lua, silenciosa, a tudo apreciava escondida por entre árvores. Ela viu o herói, da ilha de St.

Helena, olhando para baixo da ponta de um penhasco. Solitário, olhou para o mar, enquanto grandes pensamentos se moviam em seu peito. Sim, quanto a lua ainda tem para nos contar? Não terei hoje uma história surgida de suas andanças pelo mundo deixando uma lembrança de suas visitas. De repente, meu olhar se concentrou no firmamento e, por entre nuvens escuras, um raio de sua luz surge, mas foi somente por um momento. Nuvens negras cobriram novamente o céu, mas foi uma saudação, uma saudação amigável de boa-noite que a lua me trouxe.

**“ Quando Romeu foi em busca
de Julieta o amor pairava no ar ”**



A nona noite

Finalmente uma noite sem nuvens, “clara”! A lua estava em quarto-crescente! Novamente ela presenteou-me com um bom tema! Veja só o que ela contou para mim:

“Eu segui o Urso Polar e a Baleia até o leste da Groenlândia; nuvens cobriam as montanhas geladas e cercavam todo o vale. Lá salgueiros, arbustos de frutas selvagens coloriam de verde a paisagem branca; lírios perfumados contaminavam o ambiente. Minha luz era fraca, e minha fisionomia pálida, como nenúfares arrancados pelo talo, pela força da água sendo arrastados pelas ondas do mar. Agora a aurora boreal resplandecia com muita força e luz. De um aro largo e de sua circunferência saíam os raios que pareciam incendiar todo o céu. Seus raios mudavam de cor e iam do verde ao vermelho. Os moradores locais se reuniram para dançar. Mesmo acostumados aquela visão fantástica, não conseguiam desviar seu olhar daquele ponto, daquele espetáculo. De repente alguém disse:

- Deixemos que a alma da morte continue sua diversão! Dessa forma aquele povo conseguia explicar aquele espetáculo que os encantava e amedrontava. Rapidamente voltaram sua atenção para a dança e para a música.

No meio do círculo sentou-se um groenlandês, após tirar sua enorme capa de pele, tomou seu flautim e tocou uma canção que descrevia uma caçada de focas. As outras pessoas do grupo faziam o coro. Vistos de longe, com suas imensas capas de pele branca poderiam ser confundidos com ursos polares. Ao terminarem a dança, iniciaram uma espécie de julgamento de dois groenlandeses. Eles deram um passo à frente e ficaram no meio do círculo. O julgamento aconteceu por meio de música, o ofendido fez uma canção descrevendo as más ações de seu ofensor. Com a música o ofensor era ridicularizado. Enquanto isso, o homem do flautim tentava acompanhar a cantiga no mesmo compasso da dança. Na sua vez o ofensor respondeu com ironia a acusação de seu oponente. A plateia ria e depois disso vinha com o veredicto.

Ao longe a natureza participava, a sua maneira dos festejos: geleiras se derretiam, grandes blocos de gelo desciam montanha abaixo amontoando-se e rolando juntos naquela maravilhosa noite de verão na Groenlândia.

A cem passos de distância, sob uma tenda de pele jazia um homem doente. Um resto de vida continuava através de seu sangue quente, mas ele ia morrer e sabia disso. Todos sabiam disso. Assim, sua mulher havia iniciado a costura de sua mortalha de pele que iria vestir e deveria fazê-lo ainda em vida. Ela era a única que podia tocar seu corpo depois de morto, assim ela perguntou a ele: - Onde queres ser sepultado, na terra, sob uma camada de neve? Se essa for sua vontade colocarei junto seu caiaque, suas flechas e pedirei ao sacerdote que dance sobre o seu túmulo. Ou, preferirias o mar?

- "No mar!", ele sussurrou e assentiu com um sorriso triste. "O mar é uma tenda agradável de verão", disse a mulher. - Há muitas focas e morsas brincando na água. Elas virão deitar a seus pés e, dessa forma, poderás cacá-las sem problema."

As crianças, com a simplicidade que lhes é peculiar, fizeram um buraco no couro da embarcação porque sabiam que, dessa forma, o corpo iria ao fundo mais rapidamente. O mesmo mar que em vida havia provido com alimento, seria seu lugar de repouso e de descanso. Sua lápide mortuária seria os icebergs, sempre em constante mudança. Essas imensas geleiras servem de abrigo para as focas e os pássaros voam a sua volta, encantados com a luz que emana de seus topos.



Décima Noite

“**E**u conheci uma velha senhora”, disse a lua, “durante o inverno, ela retirava de seu guarda-roupa, um quimono de cetim amarelo, muito bem cuidado e guardado e o usava todos os dias, sem nunca mudar o traje. Ao chegar o verão, um chapeuzinho de palha dava vida a seu traje, um vestido azul-acinzentado, sempre o mesmo, diariamente, isso era o que eu imaginava. Saia de casa somente para visitar uma velha amiga que morava do outro lado da rua, mas nos últimos anos ela não fez isso porque sua amiga havia morrido. A velha senhora, no verão, era vista sempre à janela cuidando das maravilhosas flores que enfeitavam o parapeito de sua janela e também das florzinhas de agrião que ela cultivava sobre um pedaço de feltro umedecido durante o inverno. No último mês, ela não tem aparecido à janela, mas eu sabia que ela ainda estava viva, porque não a vira sair para fazer a grande jornada sobre a qual ela e sua amiga costumavam falar. “Sim”, dizia ela, “quando eu morrer, viajarei muito mais do que em toda a minha

vida; a dez quilômetros daqui fica a tumba de minha família. Gostaria de ficar com eles e descansar junto a meus pais e irmãos. “Certa noite, vi uma carruagem do lado de fora da casa, os homens que desceram dela carregavam um caixão, soube então, que a velha senhora havia morrido. Quando eles saíram da casa depositaram o caixão sobre a palha da carruagem e partiram rápidos deixando a cidade para trás. Pela velocidade que o cocheiro deixou a cidade poder-se-ia pensar que estava indo para um piquenique. No caixão dormia a velha e silenciosa senhora, que não saíra uma só vez de sua casa no ano anterior. Na estrada, a carruagem corria ainda mais. O homem não olhava para trás pois tinha receio de ver a velha senhora sentada no caixão, vestida com seu conhecido quimono amarelo. Com tanto medo estava que chicoteava os cavalos para irem mais rápido, mais rápido. Ele segurava as rédeas com força e as puxava de forma que os cavalos, embora jovens e saudáveis, chegavam a espumar. De repente, uma lebre atravessou a estrada assustando os cavalos fazendo-os galopar ainda mais rápido. A velha senhora, que nunca havia ido além do outro lado da rua, que havia tido uma vida até certo ponto monótona, estava agora aos saculejos por aquela estrada ruim e cheia de pedras. De repente, a um balanço mais forte, o caixão caiu da carruagem e ali ficou, enquanto cavalos, carruagem e cocheiro se afastavam loucamente. Ao amanhecer o dia um pássaro passou por ali cantando sua canção matinal sobre o caixão, sentou-se nele, fixou-o e com seu bico começou a tirar toda a palha que recobria o caixão, algum tempo depois continuou seu voo e seu canto e, finalmente, desapareceu. Eu também, rapidamente desapareci atrás das nuvens vermelhas da manhã.”

“...quando eu morrer, viajarei muito

mais do que em toda a minha vida...”



Décima primeira noite

“**H**ouve uma festa de casamento!”, disse a lua. “ Cantavam-se canções, dançava-se, tudo era rico e magnífico; os convidados foram embora, já passava da meia-noite; as mães beijaram o noivo e a noiva; os noivos recolheram-se a seus aposentos, as cortinas esvoaçavam ao sabor da brisa, uma lamparina iluminou o quarto aconchegante. ” Graças a Deus, eles se foram! ” disse o noivo, beijando suas mãos e lábios; ela sorriu e chorou, descansando em seu peito, tremendo enquanto a flor de Lothus descansava nas águas correntes; e eles falaram palavras suaves e delicadas. “Durma meu doce!” Ele exclamou, puxando as cortinas da janela. “ Quão maravilhoso é o brilho da lua! ” ela disse, “ Veja quão quieta, quão clara está a noite! ” e ela apagou a lamparina, ficando escuro o quarto aconchegante, mas irradiando minha luz pude ver também seus olhos irradiarem. Excelência, beije o poeta dos poetas quando ele canta sobre os mistérios da vida!

“ Quão maravilhoso é o brilho da lua! ”



Décima segunda noite

“**V**ejam o que presenciei em Pompéia”, disse a lua, “Eu estava andando pelo subúrbio, na rua chamada Via das Tumbas. Belos monumentos cercavam o local. Ali, há séculos atrás, os templos eram enfeitados com coroas de flores coloridas e alegres jovens dançavam com as irmãs de Lais. Agora aqui reina o silêncio da morte. Soldados alemães que estavam a serviço da cidade de Nápoles, policiavam o lugar, mas naquele momento jogavam cartas e dados. De repente, um grupo de turistas entrou na cidade acompanhado de um guarda; vinham para conhecer aquela cidade espetacular que havia sido retirada de seu túmulo, iluminada apenas por meus raios brilhantes. Mostrei-lhes o que eles queriam ver: os sulcus deixados pelas rodas dos carros nas ruas pavimentadas com imensas lajotas de lava, eu mostrei a eles os nomes dos moradores gravados nas portas e nas tabuletas que ainda pendiam delas; mais à frente viram pequenos jardins com suas fontes, e bacias em forma de concha. Um silêncio enorme reinava naquele local. A água não mais jorrava das fontes, não havia mais música e dança nos salões

ricamente adornados, permanentemente vigiados por cães de bronzes. Aquela era a cidade da morte! Naquele ambiente do mais puro silêncio, somente um som se ouvia, o do Vesúvio trovejando seu eterno hino; assustador! Às vezes os sons ficavam mais fortes, uma nota mais vibrante na escala musical, a isso os habitantes do lugar chamavam erupção. Continuamos nossa jornada e chegamos ao Templo de Vênus, todo de mármore branco reluzindo sob os meus raios, o altar-mor podia ser visualizado logo à frente de uma imponente escadaria, via-se também salgueiros-chorões crescendo cheios de vida por entre as colunas. O ar era leve, o céu transparente e azul deixando ver ao fundo o negro e ameaçador Vesúvio de onde labaretas eram cuspidas de sua cratera, uma nuvem de fumaça cinza pairava sobre ele, lembrando um pinheiro, mas vermelho-sangue. Reinava o silêncio.

Uma grande cantora fazia parte do grupo, eu a vi sendo celebrada e aplaudida nas principais cidades da Europa. Quando o grupo se aproximou do anfiteatro buscaram imediatamente lugares nas arquibandas para sentarem-se. Logo muitos lugares foram ocupados, como já acontecera há muitos séculos atrás. O palco era o mesmo. Havia dois arcos ao fundo e paredes laterais que serviam como cenário. Os espectadores conseguiam ver o mesmo cenário de antes, esculpido e pintado pela natureza: as montanhas que separam Sorrento de Amalfi.

A cantora adentrou ao palco e começou a cantar. Quanta inspiração aquele lugar podia trazer! Ela cantava com força e vigor, lembrou-me um cavalo selvagem à galope. Sua voz era, ao mesmo tempo, suave e firme. Meus pensamentos voaram para a Mãe de Jesus no Gólgota, quando aos pés da cruz olhava para o alto, testemunha que foi de tanta dor, de tanto sofrimento. A cantora conseguia dar à sua interpretação o mesmo tom do sofrimento e da dor. Ao terminar, algo se repetiu como séculos atrás; muitos aplausos que foram tomando conta do anfiteatro. 'Que maravilha! Que talento!' exclamaram os presentes. Três minutos depois o palco e o anfiteatro estavam vazios, nada mais havia lá nem som, nem pessoas. Não restava nada nem ninguém. Ficaram as imponentes ruínas, sem alterações, como o fizeram durante séculos e continuariam a fazer muito séculos mais. Contudo, ninguém mais se lembraria daquela cantora excepcional, do tom de sua voz, de seu sorriso, tudo faria parte do esquecimento, mesmo para mim, tudo não passaria de lembranças perdidas em um passado muito distante.



Décima terceira noite

“**E**u estava olhando pela janela de um editor”, disse a lua, “era uma cidade na Alemanha. Havia belos móveis, muitos livros e um amontoado caótico de revistas e jornais. Pessoas cercavam o editor que tinha em suas mãos os originais de dois pequenos livros de jovens autores esperando para serem analisados. “Esse chegou-me às mãos há dias”, disse ele. “Eu não li ainda, o que vocês dizem sobre o conteúdo? Será que é bom?” “Oh! Disse um dos conselheiros que era um poeta - parece ser muito bom, talvez longo demais, mas se levarmos em conta a idade do autor... bem! Os versos poderiam ser melhor trabalhados, mas quanto ao tema, penso que foi bem escolhido um pouco desgastado, mas Senhor Deus, é um jovem! O que poderíamos esperar de novo? A arte se repete, os temas são reusados, recebem uma nova roupagem, um novo colorido, um novo jogo de rimas e pronto, tudo é novo. Na verdade o que temos em mãos não é uma obra prima, mas seu texto merece elogios. O certo é que não haverá muito do poeta no texto e vice-versa. Pode-se notar que ele é um homem culto e criterioso. Ele lê muito e conhece

bastante sobre o Oriente. Foi ele quem escreveu a bela resenha sobre "Reflexões sobre a vida doméstica", de minha autoria. Devemos ser gentil com esse jovem autor."

"Mas ele é muito pobre como escritor, embora bastante calmo!" Disse um dos presentes na sala, "nada é pior na poesia do que a mediocridade, e do que ele já demonstrou nessas poesias não conseguirá melhorar!"

"Pobre escritor!" Disse um terceiro. "Sua tia está tão orgulhosa dele. É bom lembrar, senhor Editor, foi ela quem conseguiu vender muitos dos exemplares da última tradução publicada pelo senhor!"

"Ah! Que boa senhora! Vejam, vou rever o livro e prepará-lo para a edição. Talento incomparável o desse jovem! Um presente para os leitores! Uma flor no jardim da poesia! Mas e o outro livro? O que acham dele? Dizem que é de um escritor talentoso, parece-me um grande escritor!"

"Sim, sim, todo mundo concorda sobre sua genialidade", disse o poeta, "mas por outro lado ele é bastante rebelde, particularmente no que diz respeito às regras gramaticais. Pontuação não é com ele!"

"Seria apropriado revisarmos seu livro, apontar-lhe os problemas, assim, dessa forma, ele poderia reconsiderar o juízo um tanto vaidoso que demonstra de si!"

"Mas é injusto!" Exclamou um quarto membro da sala. "Não devemos nos prender a pequenas coisas quando um texto muito maior e mais rico está a nossa frente!"

"Está certo, então pensemos assim: se ele for um gênio, não se importará com as críticas, mas, por outro lado, não deixará subir-lhe à cabeça os elogios que receber. Em ambas as situações saberá tirar o melhor proveito para sua vida e seu trabalho!" Disse o editor.

"Depois disso fui embora", disse a lua, "fui espiar, um pouco mais a frente, o que se passava na casa da tia do primeiro escritor, aquele que era calmo. O poeta estava lá cercado por pessoas a prestar-lhe homenagens. Ele estava orgulhoso e feliz."

"Sai a procura do outro poeta, o rebelde; ele estava reunido com seu editor, no mesmo instante que o livro de seu colega calmo estava sendo analisado.

"Vou ler o seu livro", disse o Mecenas "você sabe que sou franco e sempre digo o que penso: não espero muito de seu livro, pois você não segue

estritamente as regras da língua; é ousado demais, porém um ser humano respeitável!”

Sentada em um canto, uma jovem acabava de ler, em um livro, os seguintes versos:

-O gênio e a glória jazem ao mesmo tempo na poeira!

Novos talentos sempre surgirão!

“É uma história antiga como o mundo,

No entanto, será sempre nova! ”

**“ A arte se repete, os temas são reusados,
recebem uma nova roupagem, um novo
colorido, um novo jogo de rimas e
pronto, tudo é novo.”**



Décima quarta noite

A lua disse: "Há dois casebres no bosque. As portas são baixas, e as janelas são um tanto irregulares umas mais altas, outras bem rente ao chão. Perto delas crescem flores silvestres. O teto é coberto por musgos, margaridinhas e alcachofras-do-telhado. Repolhos e batatas podem ser colhidos na horta ao fundo da casa, mas além delas cresce um bonito salgueiro. Debaixo dele estava sentada uma garotinha que contemplava um velho carvalho erguido entre os dois casebres.

O tronco era velho e cheio de nós, mas entre as folhas podia ser visto um ninho de cegonha. Ela batia seu bico ruidosamente e a garotinha, ali sentada, observava a cegonha.

Aproximou-se um menino, era o irmão da garotinha. Ele sentou-se ao lado dela e perguntou:

-Observas o quê?

-Estou cuidando da cegonha – respondeu ela. – Nossos vizinhos disseram que talvez hoje ela possa trazer um irmãozinho ou irmãzinha e eu estou esperando para ver.

-A cegonha não traz bebês! Você não sabe? Nossa vizinha disse o mesmo para mim, mas estava rindo. Fiquei desconfiado com sua atitude e pedi que ela jurasse por Deus que estava dizendo a verdade. Como ela não jurou, percebi que era tudo mentira. Os adultos dizem isso para evitar mais perguntas.

-Se for assim, de onde vem os bebês? – perguntou a menina.

-Eu vou lhe contar: um anjo vem do céu com o bebê debaixo de seu manto. Ninguém o pode ver. Assim, nunca sabemos quando isso acontece.

Nesse mesmo momento ouviu-se um barulho vindo das folhas do carvalho.

As crianças deram-se as mãos e se entreolharam. Poderia ser o anjo trazendo o bebê. Nesse mesmo instante a vizinha abriu a porta e chamou as crianças para virem conhecer o irmãozinho trazido pela cegonha.

Os irmãos piscaram um para outro e ambos pensaram o mesmo: "Coitada! Quer nos enganar... Mal sabe que já conhecemos toda a verdade..."

“Como ela não jurou, percebi que era tudo mentira. Os adultos dizem isso para evitar mais perguntas.”



Décima quinta noite

“Passei por Lyneborg-Hede”, disse a lua, “observei uma cabana solitária à beira da estrada; alguns arbustos nus estavam perto, e ali estava um rouxinol solitário; cantava seu lindo canto! A noite fria acabou matando-o e, o que eu ouvi foi o seu canto de despedida. A luz do dia brilhou, uma caravana passou por ali trazendo famílias camponesas imigrantes que iam na direção de Hamburgo, de onde pegariam um navio para a América, onde a felicidade, a felicidade tão sonhada estava a espera deles. As mulheres carregavam suas criancinhas em suas costas, as maiores iam pulando ao lado da mãe. Um cavalo muito magro carregava com dificuldade a carroça com a carga. O vento frio soprou; por isso, a menininha se aproximou da mãe que olhava para mim, lá no alto, em minha fase minguante e pensava na amarga vida que até então vinha levado. Pesados impostos que não haviam conseguido pagar. Todos na caravana pensavam o mesmo. O sol que naquele momento surgia dava-lhes a esperança de dias melhores. O rouxinol cantou mais uma vez. Eles não

sabiam contudo, que aquele era um canto de despedida e de morte. Mas em seus pensamentos esse era um canto de esperança e de bom presságio. O vento e o canto do rouxinol misturaram-se e para todos esse era um sinal de um futuro promissor.

“Vocês não sabem para onde vão, vocês não sabem o que os aguarda, caminham como se seguissem em direção da terra prometida, a terra de Canaã. Tudo que pertencia a vocês foi vendido, nada lhes restou. Suas dores não serão sentidas por muito tempo porque a morte os espera por esses mares afora!”

O sol surgiu por entre as nuvens. As pessoas do vilarejo seguiam para a Igreja. As mulheres vestiam-se de preto e usavam tocas brancas. Nada a volta tinha vida, tudo parecia estar morto. As mulheres tinham em suas mãos seus hinários. Que elas possam rezar por aqueles que estão em alto mar afora e agora. Um dia seus túmulos serão encontrados para além das espumantes e violentas ondas.

**“Suas dores não serão sentidas por muito
tempo porque a morte os espera por
esses mares afora!”**



Décima sexta noite

“**E**u conheço um Polichinelo”, disse a lua, “o público aplaude quando o vê; Qualquer movimento feito por ele se torna cômico. A simples presença dele no palco é motivo para a platéia ir ao delírio. Porém, tudo o que fazia era uma revelação natural dele mesmo. Não havia arte em sua apresentação. Ele se transformava em motivo único para atrair o público. Quando ainda pequeno, ao brincar com seus amiguinhos, já se revelava nele o futuro polichinelo. A natureza o fizera assim dotando-o de duas corcundas, uma nas costas e outra no peito, O seu interior, a sua alma, ao contrário, eram belas. Ninguém era melhor do que ele em relação a seus puros sentimentos e sua inteligência. O teatro era o seu mundo ideal, o seu lugar preferido. Lá, ele podia brilhar e ser o melhor de todos. Mas, se fosse belo teria sido certamente o melhor ator trágico de todos os tempos. Sua alma era agraciada com o heróico, o grande, no entanto, ele não passava de um triste e simples polichinelo. Até mesmo sua dor, sua melancolia aumentavam a receptividade do público que o aplaudia grandemente. A adorável Colombina era gentil e boa com ele, mas preferiu se casar com o

Arlequim. Teria sido motivo de muitas críticas se a Bela tivesse se casado com a Fera. Quando Polichinelo estava triste e inconsolável, a Colombina era a única pessoa que podia fazê-lo sorrir. Ela sempre começava assim: ficava melancólica como ele, ia ficando mais quieta, tristonha para depois ir mudando sua fisionomia, da tristeza para a alegria, para o riso, para a gargalhada até arrancar dele uma gargalhada. Ai ela dizia:

- Sabe o que acontece com você? Você está apaixonado!
- Imagine o Cupido e eu... seríamos imbatíveis!
- Está certo, mas não brinque! Sei que você está apaixonado... sua paixão secreta sou eu.

Como tudo deveria acabar em risada; o Polichinelo riu, deu duas cambalhotas e a tristeza e melancolia foram embora.

E, no entanto, ela havia falado a verdade, ele a amava, amava-a tanto quanto a arte, a plateia e o palco.

No dia de casamento da Colombina, ele se tornou a figura mais brilhante, mais feliz, mas à noite, em seu quarto, ele chorava, se contorcia e deixava toda sua dor aparecer. Se o público o tivesse visto assim, então o aplaudiria. Há alguns dias atrás, a Colombina morreu. No dia do enterro, Arlequim foi dispensado de subir ao palco; todos se compadeciam com a dor daquele pobre viúvo. O diretor tinha que substituí-lo: ninguém melhor do que Polichinelo. Nessa noite ele foi magnífico. Fez o melhor. O público o aplaudia e gritava: Bravo...Bravíssimo! Nessa noite Polichinelo foi chamado ao palco muitas vezes. Todos consideraram que aquela havia sido sua melhor apresentação. Quando o espetáculo acabou, eu vi aquele homem feio e melancólico deixando o teatro e indo para o cemitério. As flores que ele havia deixado no túmulo da Colombina, haviam murchado. Ali, sobre a laje fria, ele sentou-se; o rosto apoiado nas mãos olhando para o alto, olhando para mim. Que bela cena para ser eternizada por um pintor. O certo é que se seu público o visse assim, certamente gritaria: Bravo... Bravíssimo! Bravo...Bravíssimo, Polichinelo!

“ O teatro era o seu mundo ideal, o seu

lugar preferido.”



Décima sétima noite

Ouçá o que a lua me disse: "Eu vi um cadete promovido a oficial, usar, pela primeira vez, o seu novo e elegante uniforme. Vi uma jovem noiva com seu vestido nupcial e, no dia seguinte a sua bela camisola da renda. Mas, felicidade maior, eu vi com uma menininha de quatro anos; ela tinha um novo vestido azul e um novo chapéu cor-de-rosa os quais ela experimentava naquele momento. Ocasão importante aquela, e a menina precisava muito mais do que os meus simples raios que iluminavam seu quarto através da janela. Era necessária mais luz. Lá a garotinha estava rígida como uma boneca, os braços abertos, os dedos bem separados. Oh! Que felicidade podia-se notar em seus olhos! "Amanhã você vai sair com sua roupa nova!", Disse a mãe. Ao ouvir isso a menina olhou-se no espelho, examinou seu vestido e seu chapéu abrindo um enorme sorriso. Depois virou para sua mãe e disse: "O que dirão os cachorrinhos ao me virem vestida tão lindamente?"



Décima oitava noite

“J á contei a você sobre Pompéia,” disse a lua, este cadáver de uma cidade morta exposta ao ar livre para as outras cidades vivas. Mas, surpreendentemente, vi algo ainda mais estranho! Não era um cadáver, mas o fantasma de uma cidade. Sempre que uma fonte espirra sua água para uma bacia de mármore, lembro-me da Cidade Flutuante. O repuxo da água fala sobre ela, assim como as ondas do mar parecem cantar sua fama! Às vezes, ao se olhar para o mar, vê-se uma bruma que lembra um véu, talvez o de uma viúva que acaba de perder seu noivo. O noivo das ondas morreu. Nas profundezas do mar estão seu palácio e sua cidade. Lá está seu mausoléu! Você conhece essa cidade? Imagine uma cidade de onde nunca se ouviu o barulho das rodas de uma carroça ou o trote de cavalos, ao contrário, nelas nadam os peixes enquanto fantasmagoricamente, uma gôndola negra desliza sobre a água verde? Vou descrever esse lugar, disse a lua. “Vou conduzi-lo até a praça principal. Você já se imaginou sendo transportado para uma cidade de contos de fadas? Ali a grama cresce entre os largos azulejos, e durante o dia há milhares de pombos mansos se

alimentando ao redor da solitária e imponente torre. Dos três lados você estará cercado por alamedas. De um lado o turco está sentado com seu longo cachimbo, em silêncio; do outro, o grego elegante inclina-se para o mar e olha para os obeliscos, mastros de bandeiras, monumentos todos comemorativos de um poder que não existe mais. Ficou na lembrança. Dos mastros caem bandeiras, sem vida, como se estivessem de luto. Uma menina descansa lá, rodeada por essa paisagem. No chão estão suas ânforas cheias de água. Livrou-se dos suportes para carregá-las e encostou-se em um dos pilares sobre o qual descansa a estátua da deusa Vitória. Ao longe vê-se uma construção, não é um palácio de contos de fadas. É uma Igreja. Cúpulas douradas brilham e refletem os raios do sol e os meus raios. Os poderosos cavalos que podem ser vistos lá no topo das colunas, já fizeram viagens como as dos contos de fadas. Quantas foram as suas viagens! Vocês já repararam a beleza dos muros e janelas? Obra de algum gênio que ouviu os pedidos de uma criança caprichosa ao decorar esses templos únicos. O leão alado que se vê aqui, não pode mais bater suas asas, como o rei dos mares perdeu o poder e a vida. Não há vida nesse lugar, os edifícios estão desertos, as pinturas perderam a cor. As paredes, por essa razão parecem nuas e sem graça. O homem sem teto dorme sob as arcadas desse prédio, cujo andar outrora era pisado apenas por poderosos senhores. A partir dos poços profundos, ou das prisões próximas da Ponte dos Suspiros são ouvidos lamentos e queixumes, muito diferente dos sons que se ouvia vindo das músicas, festas realizadas nas gôndolas quando o anel de casamento voou da excelente Bucentauro para Adria, a rainha do mar coberta pela névoa do passado! O véu da viuvez encobre sua silhueta, o desgosto deve cobrir o mausoléu daquele que todo ano a desposava: o Dodge da fantasmagórica e marmoreal Veneza.

**“ Obra de algum gênio que ouviu os pedidos
de uma criança caprichosa ao decorar
esses templos únicos.”**



Décima nona noite

“**E**u olhei para baixo e vi um grande teatro”, disse a lua, “a casa estava repleta com espectadores aguardando a estreia de um novo ator; meus raios iluminaram uma pequena janela na parede, um rosto barbado, colado ao vidro da janela pressionava, com sua testa, o vidro: a noite toda. A sombra daquele homem esgueirou-se pelo jardim, mas podia perceber terror em seus olhos, muito embora ele tenha sido preparado para esse momento. Uma luz brilhava sobre aquele pobre e desconhecido homem, mas os pobres não podem ser conhecidos e reconhecidos no reino da arte. Ele sentia um profundo entusiasmo pela arte, na verdade a amava profundamente, mas a arte não o reconhecia e não o amava como ele queria ser amado. - A campainha tocou. Era hora: “Vá e coragem, o artista entrou em cena”, ele começou sua apresentação, “para um público que esperava rir com ele, mas ao contrário, ao terminar, o público o vaiou. Quando a peça terminou, vi um homem envolto em um manto, descendo as escadas; era ele, o cavaleiro apavorado da noite; os espectadores sussurravam uns

para os outros; eu segui o ator até seu quarto. A arte de representar é, ao mesmo tempo, uma morte e um presente que você nem sempre reconhece quando é um, quando é outro. Eu sabia que ele estava pensando em ambas as possibilidades; eu vi refletido em seu rosto pálido, fechei então os olhos, para ver se o achava bonito. Um homem pode ser altamente infeliz e, no entanto, altamente prepotente. Ele pensou na morte, no suicídio, acredito que ele se convenceu de que esse seria o caminho - ai, ele chorou profundamente e quando você grita e chora, você não se mata. Um ano inteiro se passou desde aquela época. Uma comédia seria encenada, mas em um pequeno teatro, era um pobre ator errante; eu vi o rosto tenso e esmagado contra o vidro. Ele olhou para mim, sorrindo - e ainda assim ele estava preso, há apenas um minuto, socado em um teatro intocado, preso por um espaço público intocado! "Esta noite, uma carruagem pobre saiu do porto da cidade. Foi um suicídio, nossa! uma encenação, perfeita. O cocheiro era o único companheiro, ninguém o seguia, ninguém a não ser a lua. Na coroa de flores colocada no muro do cemitério, onde aos suicidas é reservado um lugar distante dos nobres; porém, muito em breve, todos serão cobertos por espinhos e ervas daninhas e todos os túmulos serão iguais.

“ A arte de representar é, ao mesmo tempo, uma morte e um presente que você nem sempre reconhece quando é um, quando é outro.



Vigésima noite

“**D**e Roma eu venho!”, Disse a lua, “no meio da cidade, em uma das sete elevações, estão as ruínas do castelo do Imperador; a figueira-do-mato cresce na parede do muro e cobre a parede com a folha verde-clara e larga; entre o mato de cascalho, o burro caminha sobre a sebe de louro verde e aguarda o tempo e o lugar certo para encontrar o que procura; uma moita de um bom e fresco capim. Foi exatamente desse lugar que partiram as grandes águias romanas, os grandes conquistadores. Aqueles de quem, posteriormente ouviríamos dizer: “Vim, vi e venci!” Eles saíram imponentes do mesmo lugar onde hoje é a entrada de uma casa pequena e pobre, erguida entre o que resta de duas colunas. Uma trepadeira deixa pender seus galhos sobre a janela dando a impressão de uma coroa funerária. Ali, entre aquelas paredes, vive um velha senhora e sua netinha. Elas agora governam o que restou dos palácios dos Césares e mostram aos visitantes uma fraca sombra do passado. Da sala do trono, resta apenas uma parede desbotada. Um cipreste projeta sua sombra sobre

o lugar onde deveria haver um trono. Uma densa camada de pó recobre todo o lugar e aquela menina, a princesa desse espaço, senta-se ao final da tarde em uma escada de onde se projetava o trono enquanto os sinos da tarde tocam a hora vespertina. De seu lugar ela consegue ter uma vista de Roma, tendo ao fundo a cúpula da Basílica de São Pedro. Silenciosa, como sempre, chegou a noite. Minha luz forte iluminou a menininha. Na cabeça trazia um jarro com água, ela tinha os pés descalços, a saia curta e as mangas brancas estavam rasgadas. Minha luz beijou seus ombros redondos, seus olhos negros e o, cabelo brilhante escuro. Ela começou a subir a longa escada desgastada e bastante destruída, cuidadosamente. Quanto mais subia, mais cuidado precisava ter porque a escada estava em pedaços e, bem no topo, havia uma coluna caída. Dos buracos saiam lagartos, mas esses não lhes causava medo. Ao erguer sua mão para destrancar a porta que era presa por uma corda, ela parou pensativa. Para onde iam seus pensamentos? Estaria pensando na pequena imagem do Menino Jesus vestido em prata e ouro, lá na capela, onde os candelabros de prata brilhavam? Certamente a sua volta, seus amiguinhos entoavam hinos religiosos, que também ela sabia! Teria sido isso que a fez parar? Não sei, mas na sequência ela prosseguiu, contudo tropeçou e deixou cair a jarra espatifando-a no mármore do chão. Vendo o estrago, ela começou a chorar. Suas lágrimas eram tantas que rolavam sobre os milhares de pedaços que restaram da jarra de água e ali ela ficou chorando desesperadamente sem saber se puxaria a corda ou não para entrar em seu palácio imperial!

“ Vim, vi e venci! ”



Vigésima primeira noite

Há catorze dias a lua não aparecia. Veja! Hoje ela voltou a brilhar por entre as nuvens, redonda, majestosa! Movia-se vagarosamente, como sempre. Escutem só o que ela me disse: "Da cidade de Fezzan, eu decidi acompanhar uma caravana que estava saindo da cidade. A caravana seguia lentamente até que parou nos limites de um deserto arenoso, com uma planície coberta de sal brilhando como um lago congelado. Alguns pontos eram cobertos por uma camada muito fina de areia. O líder da turma tinha pendurado em seu cinto um cantil. Sobre sua cabeça, uma espécie de turbante, guardava pães ázimos. Tomou de seu cajado, fez um quadro na areia, escreveu dentro dele algumas palavras retiradas do Corão, dedicando aquele lugar a Alá. Terminada a cerimônia, a caravana voltou a sua marcha.

À frente da caravana seguia um belo jovem mercador. Ia pensativo. Percebi facilmente, pelos seus olhos, que era filho do Oriente. Seu cavalo imponente, trotava e resfolegava. Onde estariam seus pensamentos? Já estava com saudade de sua bela e jovem esposa? Há dois dias uma bela festa o havia

transformado em um noivo feliz. Tambores e címbalos soavam, mulheres cantavam, tudo era alegria e agora ali estava ele atravessando o deserto em uma caravana.

Foram muitas noites seguindo aquele grupo. Estive com eles quando descansavam nos oásis à sombra de tímidas palmeiras. A exaustão de um camelo era motivo de celebração pois eles o matavam e comiam sua carne. Meus raios claros e brilhantes eram um alento. Eles refrescavam as areias, iluminavam os montes. A natureza parecia uma ilha deserta naquele oceano de areia. Nada perturbou aquela caravana. Nenhuma tribo hostil surgiu em seu caminho, nenhuma tempestade de areia, não houve colunas de redemoinhos de areia. Não houve mortes, não houve perdas, não houve destruição. O belo jovem tinha um anjo que rezava por ele; sua esposa, ela também rezava por seu pai.

Estariam mortos? Perguntou-me quando viu apenas uma metade de mim aparecendo no céu.

Nesse momento haviam deixado o deserto para trás. Em uma das muitas paradas, sentaram-se sob as palmeiras e distraíram-se olhando o grou voando ao redor deles com suas asas compridas, enquanto o pelicano os vigiava pousado nos galhos de uma mimosa. Em muitos pontos a pastagem havia sido destruída pelas pesadas patas dos elefantes que por ali passavam. Avistaram um grupo de negros que estavam voltando de um mercado. As mulheres enfeitavam seus cabelo com botões de cobre. Vestiam-se com roupas de cores vivas, dirigiam pesados carros de bois e tinham seus filhos presos em suas costas. Eles estavam nus e dormiam. Um dos negros havia comprado um leão no mercado. O jovem mercador continuava pensativo e imóvel. Seus pensamentos voltavam-se para sua jovem e bela esposa. Ele sonhava, com a felicidade que o esperava lá longe, além do deserto. De repente ele ergueu a cabeça e... a primeira nuvem passou diante de mim e mais uma e ainda mais uma" e eu, não pude ver mais nada sequer ouvir durante todo o resto daquela noite.

“Hoje ela voltou a brilhar por entre as

nuvens, redonda, majestosa!”



Vigésima segunda noite

Naquela noite disse a lua: “Eu vi uma menininha chorando, ela chorava pela maldade do mundo. Ela ganhou uma linda boneca! Tão linda! Tão delicada! Tão charmosa! Ela não estava preparada para enfrentar o mundo cruel em que vivemos, mas a menininha também não estava. Que tristeza, dentro de sua própria casa a maldade estava instalada. Seus irmãozinhos pegaram sua boneca e a jogaram para o alto ficando presa em um dos galhos da árvore e fugiram imediatamente. A garotinha não podia chegar perto dela e muito menos ajudá-la e isso a fazia chorar. A boneca chorava também. Ela tinha um braço pendurado entre um galho verde e olhava tristemente. Que grande problema! Ela já havia ouvido comentar sobre problemas que afetam o cotidiano das pessoas, sobre os quais sua mãe já havia falado. Em não longo tempo começaria a escurecer. Ficaria ela sozinha a noite toda na árvore? Não! Isso não seria possível! A menininha não deixaria. Para acalmar a boneca a menininha disse que passaria a noite com ela, mas isso não lhe dava felicidade. Seus pensamentos começaram imediatamente a viajar e algumas imagens

vieram a sua mente: pequenos gnomos com seus chapéus compridos sentados aqui e acolá. Ao longe algo mais aparecia; sombras não muito bem definidas que estavam vindo em sua direção. Pouco a pouco elas estavam mais próximas. Tinham as mãos erguidas na direção da árvore onde estava a boneca. Essas sombras eram ameaçadoras e a menina ficou com muito medo. “Será que fiz alguma coisa errada e agora serei castigada?” Nesse momento ela lembrou-se que havia feito algo errado: ela riu de um patinho que trazia um pano vermelho amarrado em sua perna e não conseguia ver-se livre dele por mais que tentasse. O patinho mancava e a menina achou a cena muito engraçada! Está certo rir de pequenos animais? Deve ser um pecado! Com esse triste pensamento, ela olhou para cima e perguntou para a boneca: “Está lembrada daquele patinho com uma fita vermelha amarrada na perna? Você também riu dele? A boneca não respondeu, mas ela pode vê-la abaixar a cabeça, os olhos, corar o rosto e confirmar a pergunta de sua amiguinha.

**“ Eu vi uma menina chorando,
ela chorava pela maldade do mundo.”**



A Vigésima terceira noite

“**E**ssa noite passei pelo Tirol”, disse a lua, “os compridos pinheiros tiveram suas sombras projetadas nas rochas, com a ajuda de meus raios”.

A lua vê São Cristóvão carregando o Menino Jesus em seus ombros. Essa imagem estava representada em murais enormes que começavam no chão e iam até o teto da casa. Em outro mural via-se São Floriano tentando apagar o fogo que consumia uma das casas. Ao longo da estrada havia uma imagem de Cristo ensanguentado e pendente da Cruz.

Para os dias de hoje elas representam apenas pinturas feitas em tempos passados, para mim, são lembranças de quando elas foram pintadas. Vi cada uma delas transformar-se em uma obra de arte. No alto do morro, um convento de freiras fez ali sua morada. Nesse momento, duas irmãs estavam no alto da torre. Elas tinham uma importante tarefa, fazer tocar o sino. Eram jovens e seus olhares ultrapassavam os limites das montanhas, se estendiam para além, queriam abraçar o mundo. Pela estrada passava uma diligência. O cocheiro tocou sua corneta. Por um pequeno espaço de

tempo as freirinhas olharam tristemente para o veículo, de uma delas, a mais nova, rolou pela face uma lágrima.

Quando o som da corneta era apenas um eco, os sinos pararam de tocar, mas o eco das badaladas do sino ainda permaneceu naquele lugar por algum tempo.

**“Para os dias de hoje elas representam
apenas pinturas feitas em tempos
passados, para mim, são lembranças
de quando elas foram pintadas.”**



A Vigésima quarta noite

Escutem o que a Lua me contou: "Alguns anos atrás, em Copenhague, olhei através de uma janela de uma pobre residência. Os pais dormiam, mas o filho não. Sua cama era coberta por uma colcha de algodão estampada. Em dado momento o menino colocou a colcha de lado e olhou em direção de alguma coisa fora do berço. Seria um relógio grande e colorido de vermelho e verde preso à parede? O relógio tinha um cuco e dois pêndulos em metal polido que balançavam de um lado para o outro fazendo tique-taque, tique-taque, no meio da noite. Seu olhar estava fixo em outra coisa, na roca de sua mãe que ficava ao lado de sua cama. Ela era sua preferida, mas ele tinha medo de tocá-la e ser repreendido por sua mãe. Sempre que sua mãe estava fiando, ele ficava a seu lado, silenciosamente sentado para ouvir o barulho que a roca fazia, enquanto acompanhava o movimento da roda que girava, girava, girava e seu pensamento girava com ela. Uma vontade enorme de mover aquela roca tomou conta dele. Seus pais dormiam. Olhou novamente a roca e foi aos poucos deslizando da cama. Mais uma vez olhou para seus pais; eles

dormiam. Suspendeu um pouco sua camisola e muito cuidadosamente foi até a roca. Logo a roda começou a girar. O fio corria e a roda girava, girava, mais depressa, mais depressa. Minha face iluminou-se com um sorriso e beijei aqueles cabelinhos louros e aqueles olhos azuis. Que bela visão, tão pura, tão inocente, tanta felicidade. A mãe acordou, talvez com o barulho e pensou estar vendo um gnomo a sua frente. “Meu Deus! Exclamou e sacudiu o marido. Ainda meio dormitando, olhou para o menino e disse: “Ora, é o Bertel!” disse. Saí dali. Havia tanto para fazer e ver! Fui para Roma, avistei o Vaticano onde podia-se ver imagens de antigos deuses. Minha luz focou o Grupo de Laocoonte. Parecia que a pedra respirava, que estava viva. Beijei as musas, pareceu-me que acordaram, que se mexeram. Continuei meu passeio e minha luz foi pousar no Grupo do Nilo, o destaque era o seu deus colossal. Recostado na esfinge ele era todo introspectivo, estava em estado de meditação. A impressão que se tinha era a de que ele pensava sobre as passagens dos séculos. A seus pés brincavam cupidos e pequenos crocodilos. No apogeu da abundância, de braços abertos, o pequeno Cupido se regalava a olhar o poderoso Deus-Rio, a imagem que me veio era de estar diante daquele outro menino que há tempos atrás vi sentado a uma roca girando sua roda. Ambos tinham o mesmo rosto. Tão realista, tão encantadora a pequena figura de mármore –a roda do tempo girou tantas vezes até que consegui se libertar da pedra bruta. O garotinho ao girar a roda da roca, a roda do tempo e da arte tinha dado outras tantas rodadas até conseguir tirar do mármore deuses iguais aos que tinham sido esculpidos muitos séculos atrás. Anos se passaram desde que observei esses fatos. Ontem estava na costa oriental da Dinamarca. As florestas ali são belas e majestosas com grandes árvores. Pareciam antigos castelos cercados de muralhas em tons vermelho. Os cisnes nadavam nos lagos da vizinhança, mais ao fundo via-se um vilarejo e uma Igreja. Todos os moradores estavam se dirigindo para a praia e navegavam em botes pelo mar. Eles traziam em suas mãos tochas, para saudar e celebrar uma pessoa muito importante. Havia música e na proa de um dos botes vinha um homem muito ereto. Ele era o motivo de toda aquela homenagem, de toda aquela honraria. Aquele homem altivo e imóvel vestido com uma capa, de olhos azuis e de cabelos brancos e compridos. Aquele rosto não me era estranho, já o tinha visto em algum lugar. Minha memória levou-me

para o Vaticano e tornei a ver todas as esculturas que, certa vez, já havia visitado e ficado maravilhada. Minha memória foi mais longe e lembrei-me da casa pobre onde o garoto Bertel girava a roda da roca. Assim como ela, a roda do tempo também havia girado, outros deuses haviam sido retirados da pedra. Gritos de saudações trouxeram-me de volta, dos botes o povo clamava: Hip hurra! Viva Bertel Thorvaldsen!”

**“a roda do tempo girou tantas vezes até
que conseguiu se libertar da pedra bruta”**



Vigésima quinta noite

A lua disse: "Vou dar a vocês uma ideia do que é Frankfurt'am Main". Chamou minha atenção uma morada. Certamente não era a casa onde nasceu Goethe, também não era a antiga Casa da Câmara. Pelas janelas dessa casa via-se os chifres dos bois que ali foram assados e depois distribuídos ao povo quando os imperadores foram coroados. Era uma casa particular, modesta e pintada de verde, próxima a uma larga avenida chamada "Rua dos Judeus". Aquela casa era do banqueiro Rothschild. Através da porta pude ver uma escada toda iluminada. Em candelabros de pura prata, velas iluminavam o ambiente. Uma cadeira, como se fosse um pequeno trono, conduzia uma velha senhora. A sua passagem todos se curvavam. O dono da casa estava entre as pessoas presentes. Em sua mão trazia um chapéu, curvou-se e beijou a mão da velha senhora, sua mãe. Sorria para todos, sorria também para os criados, mas seu melhor sorriso era para seu filho. Os homens que a carregavam, continuaram seu trajeto até chegarem a uma rua escura, a uma pequena

casa onde a velha senhora morava. Nesse lugar nasceram seus filhos, ali também construíram a fortuna que hoje têm. Ela acreditava que se um dia saísse dali toda fortuna que tinham acumulado seria perdida. Foi tudo o que a Lua me contou, durante essa curta visita que fez a mim. Fiquei pensando nessa velha senhora: uma única palavra sua seria o bastante para que construíssem para ela uma rica mansão onde desejasse: às margens do Tâmis, uma villa na Baía de Nápoles. Mas nada a convencia. Estava certa de que se deixasse aquela humilde casa a fortuna construída por seus filhos também os deixaria. Superstição ou não o fato é que a senhora de Rotischild acreditava piamente nela. Se aquela cena fosse perpetuada em um quadro, qualquer um que o visse não pensaria duas vezes em dar-lhe o título "A Mãe".

**“ Sorria para todos, sorria também para
os criados, mas o seu melhor sorriso
era para o seu filho.”**



Vigésima sexta noite

O limpador de chaminé: “Ontem, logo ao amanhecer!” são palavras da Lua. “Na grande cidade, as chaminés ainda estavam sem a fumaça tradicional e por essa razão chamaram minha atenção. De repente, sem nenhuma razão surgiu uma cabeça de uma delas, um pouco depois meio corpo. Os braços estavam apoiados na borda da chaminé. Uma voz de repente gritou: Hurra! Hurra! Viva! Viva! A voz era de um limpador de chaminés. Nesse dia ele começava seu trabalho, seu primeiro trabalho. Parecia algo meio estranho escalar o tubo de uma chaminé, engatinhando entre seus tijolos sujos, cobertos por uma fuligem negra. Quando chegou ao topo e sentiu um ar fresco e pode ver toda a cidade do alto e, para além dela, a floresta em seu entorno vibrou de felicidade. O sol acabava de nascer, brilhava redondo e forte. Seus raios iluminavam e aqueciam seu rosto. Apesar da fuligem que o recobria, podia-se ver felicidade, encantamento. Tomado por essa felicidade exclamou: – Toda a cidade pode me ver, assim como o sol e a lua ao mesmo tempo! Naquele momento, no topo da chaminé, gritou novamente: Hurra! Hurra! Viva! Viva! E ergueu sua vassoura como um vencedor de batalhas.



Vigésima sétima noite

“**E**m meu passeio noturno parei para dar uma espiadela em uma cidade da China”, disse a Lua. “Meus raios passaram a iluminar paredes nuas desenhando as ruas. Havia portas, mas pareciam todas trancadas. Uma curiosidade tomou conta de mim: por que os chineses preocupam-se mais com o que está do lado de fora e não com o que está do lado de dentro? Será mesmo assim? As janelas das casas eram todas cobertas com persianas feitas de ripas muito fininhas, ao contrário, as janelas dos templos não eram cobertas. Por uma delas pude ver uma luz muito fraca. Assim mesmo, dava para ver o interior do templo. Encantei-me com a diferente decoração do ambiente. As gravuras estavam espalhadas por todos os lados de cima a baixo nas paredes. Eram de um intenso colorido emolduradas em dourado. Elas contavam uma história: as grandes aventuras dos deuses durante o tempo em que estiveram na terra. Em cada nicho havia uma estátua, algumas vezes difíceis de serem vistas pois ficavam escondidas pelas bandeiras coloridas que pendiam do teto. Todos os ídolos eram feitos de latão. A sua frente bacias com água benta,

flores e velas acesas. No altar principal imponente e sagrado estava Fô, o deus supremo, vestido de amarelo, cor sagrada. A seus pés um jovem monge sentado meditava e parecia completamente absorto em suas preces. Mas, entre uma prece e outra, ele se distraiu e começou a pensar em assuntos aqui da terra. Isso não durou muito tempo. Envergonhado de seu deslize, abaixou a cabeça e continuou a rezar. Pobre Soui-Hong! O que passava por sua cabeça? Seria acaso algum tipo de trabalho em um pequeno jardim escondido atrás dos muros? Ocupar-se desse jardim teria sido mais agradável do que cuidar das velas do templo? Ou pensava em uma mesa farta na qual poderia empanturrar-se? Que ousadia! Poderia ser condenado à morte por tal pensamento pelo Imperador Celestial! Ainda em uma viagem pelos mares???!!! Pobre Soui-Hong, nada disso passava pela sua cabeça. O que se escondia por detrás daquele olhar e coração pensante, jovem e sonhador, eram tão somente pensamentos comuns. Qual seria seu pecado então? Apenas o de ter desviado sua atenção e sua concentração de um lugar de reflexão. Seria somente isso mesmo? Certamente que não, seus pensamentos tinham corrido para um lugar longe dali, com um alpendre belo e florido onde uma bela juvenzinha estava sentada. Pu tinha os pés apertados por tamancos, mas dor maior era a que seu coração sentia. A sua frente uma bacia com peixes dourados retinham seu olhar. Com uma varinha fazia borbulhar a água. Ela estava ali, também perdida em seus pensamentos. Pu poderia estar pensando que aqueles belos peixinhos poderiam estar mais felizes se livres. Pu sabia o que significava a falta de liberdade. Eu a conhecia bem e sabia que seus pensamentos também haviam voado, para o outro lado da cidade, para aquele templo. O pensamento de ambos poderia até ser puro, mas não era de modo algum apropriado, não pertencia ao mundo sagrado... Pobre Pu! Pobre Soui-Hong! Os pensamentos terrenos de ambos se cruzaram, mas entre eles meus raios frios os separava como um golpe de espada de um Querubim."

**“Mas, entre uma prece e outra,
ele se distraiu e começou a pensar
em assuntos aqui da terra.”**



Vigésima oitava noite

“**H**avia uma sensação de calma e paz no ar,” falou-me a Lua, “a água estava transparente e, sobre ela eu deslizava. Bem ao fundo plantas estranhas estendiam seus ramos em minha direção, lembravam-me árvores gigantes tão comum em florestas. Peixes voavam acima de suas copas, nadando de um lado para o outro como a bailar. Muito acima, com muita majestade, voava num bando de cisnes selvagens. Porém, entre eles, um começou a perder suas forças esgotado de tanto voar e foi caindo, caindo até distanciar-se do restante do grupo. O bando o seguia com o olhar até que se perdessem. Suas asas estavam bem abertas e ele descia, vagorosamente, como se flutuasse no ar, completamente parado, tocando finalmente a água. Afundou sua cabeça entre suas asas e, em completo silêncio e totalmente parado ficou assim; parecia uma flor de lótus sob as águas tranquilas do lago. Uma brisa serena começou a soprar ondulando as águas do lago que reagiam às nuvens escuras e à chuva bem mais longe. De repente, o cisne ergueu a cabeça e uma onda azul bateu com força

em seu peito e suas costas. Quando os raios da manhã tocaram o lago, o cisne já havia recuperado suas forças e assim, ergueu seu voo rumo ao sol nascente, para encontrar seu bando. Algo novo podia-se perceber, ele voava sozinho, em seu coração havia saudade, sozinho voava sob o azul umedecido do firmamento.”

**“Algo novo podia-se perceber,
ele voava sozinho, em seu coração havia
saudade, sozinho voava sob o azul
umedecido do firmamento.”**



Vigésima nona noite

“**H**oje quero descrever um pouco mais da Suécia” disse a Lua. “Entre os muito pinheiros que podem ser vistos nas proximidades das melancólicas margens do Roxen, encontramos o mosteiro de Bred. Meus raios escorregaram por entre as grades e alcançaram as câmaras mortuárias. Lá os reis dormiam seu último sono em imponentes jazigos de pedra. Pude ver que cada um deles poderia ser reconhecido pelos emblemas que os representavam em sua estadia e título terrenos. Ficavam pendurados nas paredes acima de seus jazigos. Havia uma cópia de uma coroa real, folheada de ouro que adornaram suas cabeças em vida. Pendia solene de um cabide. Animais devoravam a madeira, enquanto aranhas teciam suas teias que iam da coroa para o esquife e de lá retornavam para a coroa. Podiam facilmente ser comparadas a uma bandeira de luto, muito frágil lembrando a fragilidade e as dores da morte. Todos ali dormiam seu sono tranquilos! Eles ainda estão vivos em minha memória. Claramente vejo seus lábios a sorrirem ou a se contraírem dependendo da situação de alegria ou de dor que estavam vivendo. Quando os barcos que trazem

turistas fazem ali uma parada, acontece de algum estrangeiro descer e entrar naquele lugar. Já lá dentro, pergunta o nome dos reis, mas a resposta soa estranha, ali estão os restos mortais de pessoas esquecidas. Com um sorriso complacente na face, olha para aquele ambiente carcomido pelo tempo e sua expressão é de tristeza. Durmam em paz todos vocês! A Lua recorda-se de todos vocês e todas as noites manda até aqui seus raios para esse espaço de absoluto silêncio e poder, claramente percebido pela majestosa coroa.

“Durmam em Paz todos Vocês!

A Lua recorda-se de Todos...



Trigésima noite

“Uma pequena estalagem à beira da estrada”, disse a Lua, “quase em frente há também um estábulo enorme e seu telhado de palha está sendo trocado. Por entre as vigas pude ver, pela abertura no sótão, um espaço desorganizado lá embaixo. De um lado, dormia um peru empoleirado, de outro; uma sela fora colocada em uma baia. No centro havia uma carruagem e, dentro dela seu cocheiro dormia seu bom sono, mas do lado de fora os cavalos matavam sua sede. Com certeza o cocheiro continuaria em seu profundo sono, coisa que ele vinha fazendo em parte da viagem. Vi também pela porta aberta, o quarto dos empregados, outra desordem. Havia uma vela no chão queimada até o fim. De repente, aquele vento frio da noite tomou conta do ambiente. A madrugada estava terminando. Uma família de músicos itinerantes dormia no chão, em cima de um estrado de madeira. O casal tinha uma expressão em sua face que beirava a um sonho, um sonho sobre uma garrafa de aguardente. A filha do casal também dormia, mas seus olhos estavam umedecidos de lágrimas. Uma harpa estava pendurada na parede. No chão, um cachorro dormia aos pés do casal.”



Trigésima primeira noite

“Em uma pequena cidade ocorreu o fato que vou hoje narrar”, disse a Lua, “quando esse fato ocorreu, precisamente, não tem muita importância. Como sempre, o importante foi que pude assistir a todo o ocorrido. Hoje todos sabem sobre o fato porque os jornais publicaram a notícia, porém, não detalhadamente. Eu posso ser verdadeira e minuciosa relativamente ao ocorrido. Em um pequeno e modesto hotel, jantava um adestrador de ursos. O animal estava do lado de fora, amarrado e atrás de uma pilha de lenha. O urso não parecia muito amigável. Seu nome era Bams. Nunca esse urso machucou alguém. No sótão desse hotel 3 crianças brincavam sob a luz que eu enviava a eles. O menino mais velho estava por volta de seus 6 anos, a menina, não mais que 2 anos. De repente eles escutaram um som estranho como se alguém viesse subindo as escadas para chegar ao sótão: tum, tum, tum ... Quem poderia ser? Quando as crianças olharam para a porta aberta viram a figura gigantesca do urso. O que ninguém sabia é que cansado de não fazer nada e tendo se libertado das cordas que o prendiam resolveu subir ao sótão. A Lua assistia

a tudo, disse-me ela. "As crianças ficaram muito assustadas e tentaram se proteger correndo para um canto do quarto. O urso chegou bem perto deles, cheirou-os, achou-os interessantes, mas nada fez a eles. Um dos meninos disse: - Que cachorro grande! A partir daí as crianças começaram a acarinhar o animal. A pequenina subiu as suas costas, encostou sua cabecinha nos pelos do urso e sentiu-se afofada. O mais velho começou a bater em seu tambor com um ritmo bem cadenciado. Assim que ouviu esse som, o urso ergue-se em suas patas traseiras e começou a dançar. Para mim que a tudo assistia de longe, parecia ser encantador e a brincadeira continuou agora com espadas que cada um sacou a sua e a colocou sobre o ombro. Esse era realmente um grupo de amigos e, como bons soldados, puseram-se a marchar. O garotinho mais velho ia à frente e contava: " um-dois, um-dois"! Ouvindo o barulho que faziam, a mãe foi ver o que estava acontecendo e viu-se diante dessa cena. A mulher ficou aterrorizada, bem pude ver! Sua cor mudou ficou completamente branca, sua boca abriu-se e ela não conseguia tirar os olhos do que tinha a sua frente. Nessa hora, a caçulinha olhou para ela vibrando de felicidade e disse: -Estamos brincando de soldado, Mamãe! Agor o domador sentiu falta do urso e subiu ao sótão!"

**“Eu posso ser verdadeira e minuciosa,
relativamente ao ocorrido.”**



Trigésima segunda noite

O vento soprava forte e gelado. As nuvens corriam pelo firmamento. Vez ou outra a Lua podia ser vista. Num desses breves momentos ela disse o seguinte: "Lá de cima, olhei para baixo e vi as sombras das nuvens perseguindo umas as outras. Como sempre algo especial chamou minha atenção era um presídio e um carro fechado que se aproximava dele. Dentro desse carro seria colocado um prisioneiro. Ele estava a poucos minutos de ser levado para fora do presídio e para dentro do carro. Meus raios invadiram a janela gradeada e vi o rapaz escrevendo algo na parede, parecia que ele se despedia de algo ou alguém. Na parede começava a ser registrada uma melodia que emergia de seu coração. A porta foi aberta e de lá ele saiu. Seus olhos voltaram-se para mim. As nuvens continuavam sua corrida, assim, ficamos impedidos de nos olharmos. Ele foi para dentro do carro que teve a porta trancada. A batida forte de um chicote disse aos cavalos que eles deveriam partir muito rapidamente e eles entraram a galope floresta adentro. Não pude acompanhá-los. Meus olhos voltaram-se para dentro da cela. Pude ver as notas musicais deixadas pelo preso: como

se estivesse dizendo adeus. Onde não há palavras a música se transforma em mensagem. O que meus raios podiam iluminar e eu podia ver eram notas isoladas. Não consegui ver toda sua mensagem musical. Qual seria a música? Uma marcha fúnebre, uma canção alegre? Seu destino seria a morte ou o retorno para sua casa e para aqueles que amava? Infelizmente meus raios não conseguem mostrar a mim tudo que fica registrado pelos mortais em lugares menos imagináveis...”

**“Onde não há palavras a música se
transforma em mensagem.”**



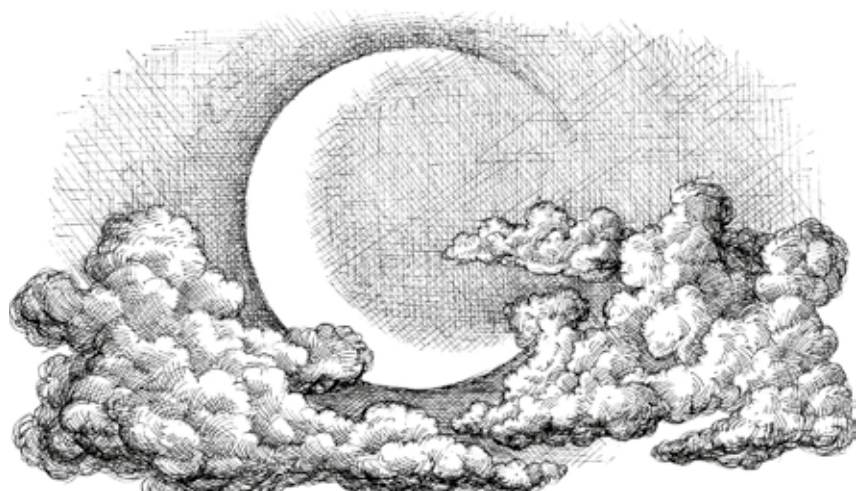
Trigésima terceira noite

“Gosto demais de crianças”, disse a Lua. “As crianças são verdadeiras, não conseguem dissimular nada! À noite, é tão bom espia-las ao se prepararem para dormir, mas somente quando elas não me percebem. É tão puro e delicado vê-las trocando de roupas. De sua roupa primeiro saem os ombros depois dois pequenos braços, depois disso tiram as meias e posso ver aquelas perninhas roliças e aqueles pezinhos gorduchos. Sempre quero beijá-los e o faço. Tenho certeza que muitas outras pessoas também. Mas o que eu estava querendo contar é outra coisa. Como sempre, espiei através de uma janela. A cortina não foi fechada porque ninguém poderia olhar para dentro da casa, pois ali na vizinhança não morava ninguém. Havia muitos meninos da mesma família e somente uma menina. Apesar de seus quatro anos de idade sabia rezar tão bem quanto os outros. Sua mãe ouve suas orações todas as noites sentada aos pés de sua cama. Quando ela termina, a mãe dá-lhe um beijo e vai até o berço do menorzinho que já dorme há muito tempo. Nessa noite as crianças

estavam por demais acesas pulavam nas camas fingiam-se de estátua grega causando o maior alvoroço. De repente cansaram-se. Pegaram os lençóis que haviam brincado, dobraram-nos e puseram sobre a cadeira para não deixarem a mãe brava. Não demorou muito ela entrou no quarto, sentou-se ao pé da cama e pediu que todos fizessem silêncio enquanto a garotinha rezava. Eu estava encantada com aquela garotinha, tão séria e responsável ajoelhada sobre uma colcha branca. Na posição de oração começou a rezar o Pai-Nosso, seus irmãos a seguiam. Quando terminou a oração sua mãe lhe perguntou: Filha venho percebendo que ao terminar de rezar a Deus e pedir o pão nosso de cada dia, você diz mais alguma coisa. Tenho me esforçado para compreender, mas não consigo. O que você diz? A menina muito envergonhada abaixou os olhos e nada respondeu, mas sua mãe insistiu: diga, estou curiosa! Sabe, eu lembro ao `Papai do Céu que não se esqueça de passar manteiga no pão nosso de cada dia...

**“As crianças são verdadeiras,
não conseguem dissimular nada!”**

“Fim”



Agradecimentos

É sempre o momento mais difícil, o do agradecimento. Podemos esquecer pessoas e momentos em nossas vidas os quais permitiram que chegássemos até aqui.

Deus tem nos presenteado com pessoas muito especiais, particularmente no que diz respeito a nossa missão de tornar Hans Christian Andersen um escritor mais conhecido no Brasil, desmistificando um pouco a alcunha de escritor para crianças.

Assim, particularmente, quero agradecer a meu marido, Niels Jørgen Langkilde. Minhas dúvidas, meus questionamentos, esclarecimentos necessários e meu conhecimento sobre a Dinamarca no que diz respeito a sua história, cultura, tradições, expressões típicas que nenhum dicionário traduz foram discutidos com ele à exaustão. Sempre encontrei nele, as respostas que buscava. Apreendi muito, inclusive entender o porquê de

certos comportamentos da sociedade dinamarquesa terem formatado a personalidade e o gênio criativo de Hans Christian Andersen. Caminho trilhado a duras penas permitindo emergir o grande mestre da arte de escrever. O pintor das palavras.

Nosso agradecimento não poderia esquecer a equipe da OS3 Soluções em Tecnologia da Informação, particularmente nas pessoas de Vitor Laurindo e Breno Laurindo da Silva. Temos recebido acompanhamento por meio de um trabalho criativo, dedicado, muito profissional e de uma disponibilidade para nos atender sempre muito grande. Muito obrigado a todos vocês.



Acesse nosso site:

www.institutohcandersen.com



Ana Maria Martins da Costa Santos Langkilde

Nos últimos anos venho trabalhando com tradução de textos do dinamarquês para o português, particularmente os do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen tanto para nosso site, quanto para nossa página no Facebook. Um novo trabalho veio acrescentar aos que já estão em andamento; a tradução do texto de Kaj Munk, escritor dinamarquês, "Ordet" – A palavra -. Kaj Munk deixou uma grande obra tanto no que diz respeito as suas homilias porque ele era Pastor da Igreja Luterana, como peças para o teatro, poemas, livros de viagem e artigos em jornal. Ele foi assassinado pelo governo de Hitler por sua posição contrária ao nazismo. Ele foi uma voz poderosa contra a ocupação nazista na Dinamarca. Desde dezembro 2011, estou na direção do Instituto Hans Christian Andersen com sede na Dinamarca e um escritório, no Rio de Janeiro, Brasil.



Niels Jørgen Martins da Costa Santos Langkilde

Fez seu mestrado em língua e literatura nórdica. Nos negócios, a mídia, a cultura e a política são o centro de seus interesses e atividades. Co-fundador do Comitê Hans Christian Andersen, bem como da Fundação Hans Christian Andersen. Tem dedicado parte de suas atividades a palestras e artigos sobre vida e obra de e sobre Hans Christian Andersen.

ISBN: 978-65-00-04357-0



CL